



“As Invasões Bárbaras”

*Carolina F. Quintella
Ruth Gelehrter da Costa Lopes*

Introdução

Para analisar e refletir sobre o tema envelhecimento, escolhi o filme “As invasões Bárbaras”, produção canadense de 2003 dirigido por Denys Arcand, que se apresenta como um desdobramento do filme “O declínio do império americano”(1986), do mesmo diretor. Em “As invasões Bárbaras” os personagens voltam para um reencontro com Rémy, professor universitário, que encontra-se gravemente doente. Em alguns momentos farei uma comparação entre os dois filmes para clarear o sentido da velhice em relação à juventude, foco do primeiro filme.

Sinopse

Remy encontra-se com câncer terminal.

Internado num hospital de assistência pública, com corredores lotados e as atenções sempre divididas, seus parentes, em especial seu filho, se organizam para lhe dar maior conforto. E é esse processo de despedida, reflexão, velhice, doença e morte que o filme nos mostra.

Sebastian, filho de Remy, é super capitalista e, inclusive por isso, tinha muitas questões a resolver com seu pai. Diante desta situação, e com todo o dinheiro que possui, compra tudo o que é necessário para oferecer ao seu pai uma despedida com mais conforto e qualidade, inclusive o alívio para suas fortes dores através da heroína, que consegue pagando Nathalie, uma amiga de infância viciada.

Análise

Como sabemos, na vida estamos sempre rompendo, mantendo e criando novos vínculos. Ao adoecer, Remy reaproxima-se de seus amigos, e de seus filhos, retornando e ressignificando esses relacionamentos assim como também criando novos vínculos, comparando ao filme “O declínio do império americano”, como fez com a freira e com Nathalie.

Traçando um paralelo entre as vidas de Remy e Sebastian, os dois se encontram em momentos claramente distintos: - o pai doente e em processo terminal, enquanto seu filho está no ápice, iniciando sua vida adulta.

Remy assim, volta-se mais para reflexões e avaliações referentes aos acontecimentos e relacionamentos passados, e Sebastian, por outro lado, está voltado para o futuro, planejando se casar, constituir uma família e ter sucesso profissional. Esta diferença, e também o fato de Remy rever suas concepções, ressignificar seus confrontos com os princípios do filho, o torna mais flexível, pois constata que eles são homens que viveram em épocas bem diferentes e foram influenciados por elas, por seus ideais políticos e que através da vivência de cada um formatam suas ideias sobre o mundo, o homem e a vida.

No momento em que Remy se encontra nada os impede de criar e aprofundar a relação entre eles, ao contrário, esta é intensificada e vivida em sua essência a partir da flexibilidade dos dois perante este momento de fragilidade. Assim, vemos como a relação deles passa a ser mais afetiva, íntima e profunda. Ao aproximar-se do pai, preocupando-se não apenas com os gastos do seu tratamento, mas também em criar um ambiente alegre, reconfortante e acolhedor no seu processo final, Sebastian acaba por assumir o papel de provedor e possibilita na relação dos dois uma parceria que nunca tiveram antes.

As amigas, que no primeiro filme eram vistas como objetos de sedução, pessoas queridas de convívio, e que reafirmavam o papel de galanteador de Remy dentro do grupo, com seu adoecimento passam a ser consideradas não só como testemunhas das suas aventuras passadas, mas também trazem com elas as lembranças do seu passado e a possibilidade de uma ressignificação do mesmo e dos vínculos que mantiveram ao longo da vida. Remy consegue, através desse novo modo de ver a vida, vê-las como cúmplices e acolhedoras no seu processo de partida.

Ao conhecer Nathalie, menina viciada em heroína, Sebastian pede à ela que dê ao seu pai a droga para que a dor seja anestesiada. Remy identifica-se com ela, possibilitando que fale abertamente sobre assuntos delicados que o auxiliam a assimilar o fato de estar com uma doença terminal. Esta identificação tão profunda entre eles, e em tão pouco tempo, se deu pelo fato dela ser também uma pessoa em situação de risco, e em deterioração devido ao uso abusivo de drogas deixando-o mais livre para tratar de assuntos como a morte.

O fato de Remy escolher ir para a casa de campo para passar os seus últimos momentos, com as pessoas mais queridas da sua vida e de decidir tomar uma *overdose* de heroína para se matar de uma vez, explicita uma independência na maneira de viver a velhice e seu processo terminal, independência esta que foi reforçado por todos aqueles a quem amava, e o amavam.

Toda a ressignificação que Remy deu a suas relações e aos seus valores pessoais depois do seu adoecimento, assim como seu processo de envelhecimento pode ser um pouco “sentida” através do seguinte diálogo que teve com Nathalie:

R: - Não dá muita importância à vida, dá?

N: - Na verdade, não.

R: - Eu era como você na sua idade. Podia morrer a qualquer minuto. Pouco me importava. É por isso que os jovens dão os melhores mártires. É paradoxal, quando envelhecemos é que nos apegamos à vida. Quando começamos a subtrair: me restam 20 anos, 15 anos, 10... Quando sabemos que é a última vez que fazemos alguma coisa: é a última vez que compro um carro; a última vez que vejo Genova, Barcelona...

N: - Não viverei tanto tempo.

R: - Como pode saber?

N: - Overdoses são frequentes, sabia?

R: - Nem isso você pode prever. Talvez pare, e viva até ficar bem velhinha. Não entendemos o passado, como podemos prever o futuro? Ninguém nunca sabe o que vai lhe acontecer. Exceto eu, agora. Eu sei.

N: - Sente medo?

R: - Claro que sim. Não quero deixar a vida. Não pode imaginar como a amei.

N: - E o que tanto amou?

R: - *Tudo. O vinho, os livros, a música, as mulheres, principalmente as mulheres. Seus cheiros, sua boca, a maciez da sua pele.*

N: - *Conheceu muitas?*

R: - *Sim.*

N: - *Com o tempo, não começam a se parecer umas com as outras?*

R: - *Sim, um pouco. Mas nunca me cansei delas.*

N: - *Continua um sedutor?*

R: - *Não, não... com a idade não é mais a mesma coisa.*

N: - *Mas ainda pode beber vinho.*

R: - *Infelizmente meu fígado não permite.*

N: - *Fez as viagens que queria?*

R: - *Hoje em dia, há turistas demais em toda parte.*

N: - *Não é a sua vida atual que não quer deixar. É a sua vida passada. E esta já está morta.*

R: - *Talvez.*

Entrevista

Marina, 22 anos, estudante de Psicologia da PUC-SP

Para você, quais temas mais lhe chamaram a atenção neste filme? O que esta obra mais te fez pensar e refletir?

Os temas que mais me chamaram a atenção foram: os relacionamentos, as relações de gênero, as questões ligadas à sexualidade, a relação de doença e morte e os núcleos familiares.

O que caracteriza a velhice para você?

Velhice...depende! Acho que velhice é um fechamento de ciclo, uma fase da vida que você acaba olhando muito mais para trás do que para frente! É uma fase de reflexão sobre toda uma vida, mas sem deixar de viver o que ainda pode e deve ser vivido. Velhice para mim é relacionada a sabedoria também, assim como à experiência.

Como você vê a velhice sendo mostrada no filme? Qual ideia de velhice ele te dá e qual você tem através da sua própria vivência?

Acho que a velhice não é muito mostrada no filme, e sim um caminho para ela. O grupo de amigos que antes era mais jovem (no filme "O declínio do império

americano”) já não é tão jovem, o corpo já não é mais o mesmo, o tempo fez com que muitos se separassem e formassem vínculos em outros lugares.

A ideia de velhice através da minha própria vivência, vem da relação com os meus avós! É bem ambígua na verdade, pois dos meus 4 avós, 2 morreram no início da terceira idade, não podendo aproveitar desse momento, aposentadoria, netos, viagens, mais tempo, enquanto isso, dois estão vivos e ótimos! Possuem uma vida boa. Meu avô, por exemplo, tem 83 anos e ainda trabalha bastante. Acho que a velhice deve ser respeitada em diferentes pessoas, o meu avô não quis de jeito nenhum parar de trabalhar, se ele parasse acho que ele morria, e a família teve de respeitar isso e não impor coisas, como geralmente é feito! Vejo o quão importante é para meus avós reunirem a família, saberem tudo dos filhos e netos. E acho isso lindo e emocionante!

Quais dificuldades mais marcantes você vê na velhice?

Eu vejo algumas dificuldades, como o corpo que já não é mais o mesmo, então tudo a sua volta fica um pouco mais difícil e lento. Além disso, eu vejo o preconceito da sociedade pelos mais velhos, considerando-os inúteis, isso deve ser horrível para eles. Vi muita gente nas eleições dizendo "ai, porque esses velhos vêm votar se eles nem precisam mais", sei lá achei uma falta de respeito surreal.

A descoberta da doença de Remy traz seu filho Sebastian de volta à sua vida. Pensando no tema do envelhecimento, a doença provocou uma mudança, uma reflexão e uma reaproximação dos mesmos, como você viu isso no filme? Você acredita que numa situação semelhante fora de um filme esta reaproximação seria possível?

Bom, em pensar no filme, inicialmente eu vi o filho "invadindo" a vida de seu pai. Acho que tem até a ver com o título, ele invadiu do jeito que ele quis, mudando várias coisas sem saber muito se seu pai queria ou não. Mas acho que a doença mudou muita coisa sim. Acho que a relação das pessoas muda muito com a chegada da morte, filhos distantes se aproximam, amigos brigados reatam a amizade. Acredito sim, que em outra situação o mesmo pode acontecer e a própria mulher do Remy, que estava brigada com ele, volta a se aproximar.

O que considera necessário para se ter uma boa qualidade de vida na velhice?

Em minha opinião, ter uma boa qualidade de vida na velhice é ser independente financeira, física e mental. Além disso, acredito ser essencial na velhice você ter e manter laços familiares, de amigos, comunitários e amorosos. Qualidade de vida na velhice é saber encarar essa fase da melhor maneira possível, sabendo usar da sabedoria e dos benefícios, os aproveitando.

Referências

ARCAND, D. *As Invasões Bárbaras*. [Filme-DVD]. Canadá, 2003. Europa Filmes.